

O Nascimento de nossa Larissa (com fotos)

A bolsa estourou por volta das 22:00 h do sábado, no dia 27 de novembro de 2004. Eu estava na cozinha, acho que tomando um copo de água. O líquido saiu levemente tingido de sangue, o que o Dr. Adailton (o médico obstetra que fez o parto e que daqui pra frente tomo a liberdade de chamá-lo de Adailton), chama de “água de carne”. Como ele já tinha avisado que o líquido poderia sair com esse “aspecto” e levando em consideração que era um sábado à noite, e eu uma primípara, pensei por alguns instantes em tomar um banho, tentar dormir e telefonar pra ele somente no dia seguinte de manhã... Confesso que foram mesmo breves instantes... Logo o líquido começou a ficar com uma cor mais avermelhada e então eu e meu marido, o Geraldo, não nos contivemos e acabamos ligando tanto para o Adailton, como para a Leyla, a Doula que me acompanhou no parto.

Nos encontramos no Centro Médico lá pelas 23:00. Nesse instante eu estava apenas com 3 cm de dilatação e como as contrações estavam bem espaçadas e ainda sem tempos regulares, decidimos que seria melhor eu voltar para casa e tentar descansar um pouco. O Adailton e a Leyla também vieram junto conosco para casa.



Tiramos algumas fotos, batemos um papo e a conclusão de todos foi: “Ela ainda tá conversando e dando risada, ainda temos algum tempo pela frente...”

A Leyla achou melhor ficar por perto, para minha grande sorte. Nos acomodamos, e tentamos descansar um pouco. Alguns momentos depois, lá pela meia noite e meia, as contrações começaram a ficar realmente doloridas e então pulei da minha cama e corri pra me deitar ao lado da Leyla. Ficamos assim, deitadas, por muito pouco tempo. Logo ela começou a cronometrar as contrações que acho que estavam ocorrendo a cada 15 minutos. Fomos para a sala, e começou a sessão de massagens que foram muito agradáveis para mim. O Geraldo massageava minhas costas e a Leyla fazia Do-In nas minhas pernas, nos pontos que ela me explicou que eram de expulsão.

As contrações começaram a ficar muito fortes mesmo, e minha primeira reação foi me encolher e ficar bastante tensa. Nesse momento eu ainda não entendia como lidar com essas contrações. A Leyla começou a caminhar comigo pelo corredor, o que inicialmente não foi muito confortável.

Quando as contrações vinham, ela me ajudava a ficar de cócoras e falava pra eu tentar relaxar o períneo. As primeiras “agachadas” foram meio desajeitadas, eu não entendia como me soltar com tanta dor, mas aos poucos fui encontrando meu lado mais instintivo e em algumas horas eu mesma caminhava e

ficava de cócoras conforme vinham as contrações. Só então eu entendi que nós mulheres sabemos como dar a luz. Nosso lado instintivo nos guia e nos mostra o que fazer a cada momento. Quando agachar, quando caminhar, quando deitar... e para isso a presença da Leyla foi fundamental.



Certamente eu não teria encontrado meu “lado bicho” sem a ajuda dela.

Eu lembro que fiz muita sujeira. Lá pelas duas da madrugada eu tirei toda minha roupa e então, além do sangue que fui derramando pela casa, vomitei algumas vezes e meu marido foi muito gentil comigo. Ele ficou andando atrás de mim, limpando tudo e ainda cronometrando as contrações. Quando as dores já eram insuportáveis, e eu mal conseguia caminhar e me agachar, a Leyla simplesmente me abraçava e escorregando pelas paredes, ia me ajudando a ficar de cócoras.

Lá pelas três e meia a Leyla pediu pro Geraldo chamar o Adailton. Logo em seguida ele estava em casa, me examinou e eu já estava com 9 cm! Alguém colocou uma roupa em mim e fomos direto para o Centro Médico. Ainda bem que moramos a alguns quarteirões do hospital. Entrei andando, e auxiliada pela Leyla, fomos caminhando para o Centro Cirúrgico. Como as contrações já vinham a cada dois minutos, fui tendo as contrações pelos corredores do hospital e foi muito bonito, porque a cada contração ficávamos de cócoras e assim, apesar de já estarmos dentro do hospital, ainda pude seguir um pouco mais os meus instintos. O Adailton conseguiu registrar um desses momentos. Nessas contrações, eu já tinha vontade de fazer força de expulsão (!)

Entrando no Centro Cirúrgico, eu acabei pedindo uma anestesia. Não foi uma boa escolha.

A Leyla já tinha me falado, em uma das consultas que fizemos, que no momento que eu achasse que não agüentaria mais tanta dor, era por que o bebê estava pra nascer. Mas nessa hora, não resisti e na verdade nem me lembrei disso. Mas fica a lição: Quando uma parturiente acha que não pode mais suportar, é por que o bebê já vai nascer!! E vale a pena agüentar só mais um pouquinho.

Depois da anestesia tudo ficou muito estranho. As dores sumiram por completo, mas também junto desapareceram as sensações das contrações e assim, o Adailton tinha que me avisar a cada vez que vinham as contrações.

Meu lado instintivo foi embora junto com as dores. Eu me via em cima da cadeirinha de parto, dentro de uma sala estranha, com um monte de gente estranha me olhando com caras mais estranhas ainda. Tentei me concentrar nas pessoas que eram familiares a mim: meu marido, o Adailton e a Leyla. Nesse momento, o que me auxiliava eram as instruções do Adailton, me indicando o



momento das contrações, e com a mão, me mostrando aonde eu deveria fazer força. Mas nitidamente eu havia perdido todo o instinto e por mais que tentasse fazer força, parecia que todo o trabalho estava retrocedendo. A essas alturas eu já tinha descido da cadeirinha e estava deitada de lado. Teve um momento muito marcante que o Adailton colocou uma luva na



minha mão e pediu para que eu tentasse sentir a cabecinha da Larissa. Puxa!! Estava lá! Quase saindo!!! Foi muito emocionante mesmo! Isso me deu uma carga grande de ânimo, mas eu ainda lutava contra o fato de não sentir as contrações e não saber muito bem como agir.

Depois de cerca de uma hora, percebi uma movimentação na

sala, o Adailton saiu de perto de mim, e eu não sabia bem o que estava acontecendo, mas segundo o Geraldo, ele teve a impressão de estar ocorrendo algum movimento "pró-cesárea" por parte de alguns componentes da equipe médica, mas que o Adailton de alguma forma conseguiu contornar. Nesse momento a Leyla me falou algumas palavras de incentivo que nem eu nem ela lembramos mais quais foram essas palavras, mas juntando-se a isso, acho que também o efeito da anestesia começou a ceder e voltei a sentir as contrações.

Ufa! Pela primeira vez na vida fiquei feliz em sentir dores. Tudo parecia voltar ao normal e junto com as contrações, voltou o instinto de saber como agir e principalmente, como fazer força. Não tenho muita consciência desses momentos. É como se o cenário do Centro Cirúrgico tivesse se apagado ao meu redor e eu só me lembro das sensações de estar fazendo força e do apoio que o Geraldo me dava me sustentando pela cabeça e pelo tronco, o que me ajudava a fazer mais força. Tenho a impressão de isso tudo ter ocorrido em apenas alguns segundos. Logo depois, me lembro da sensação da Larissa saindo de dentro de mim, mas como eu estava deitada, o que eu consegui ver nesse momento foi o rosto do Geraldo, cheio de lágrimas. Nunca tinha visto ele chorar tanto. Foi uma das sensações mais gratificantes que tive nesse dia...

Instantes depois eu ouvi o chorinho dela e então o Adailton colocou meu bebezinho no meu colo. A carinha dela naquele momento



está estampada na minha memória até agora. As primeiras palavras que pude dizer, foram de agradecimento ao Senhor por esse milagre. Mais tarde soube que assim que ela nasceu, o Adailton pediu a Deus por sua saúde e paz e que fosse reconhecida pelo Altíssimo. Eu fico mesmo muito feliz em saber que essas tenham sido as primeiras palavras que ela ouviu na vida. Depois disso, o Geraldo cortou o cordãozinho. Tenho certeza que para ele foi um momento muito marcante.

A Larissa nasceu enrolada no cordão pelo pescoço e com a mãozinha junto ao rosto. Graças à habilidade do Adailton, e do apoio do Geraldo e da Leyla, tudo correu bem e principalmente, tivemos o privilégio de termos um parto natural!



Versão do obstetra: PARTO DA NOEMIA

Era sábado, dia 27 de novembro de 2004, eu estava jantando com minha família e uns amigos, inclusive meu cunhado que mora em Uberlândia e toca o telefone celular: era a Noêmia, havia rompido a bolsa, e o líquido estava claro.

Marcamos 23:15 no Centro Médico de Campinas e confirmamos a bolsa rota, estava com apenas 2/3 cm de dilatação. Era muito cedo para ficar internada, pois morava a apenas 3 quarteirões do hospital. Então resolveram ir p casa, com a doula (Leyla) que já tinha chegado. Teríamos uma longa noite pela frente!

Eu fui p minha casa, que também é muito perto. Elas chegaram em casa e logo depois as contrações começaram. E foram ficando cada vez mais próximas uma da outra e cada vez mais intensas. Foi buscando diferentes posições, massagens, sentou-se na bola, banho de chuveiro, etc. quando faltava 10 minutos para as 3 da manhã tocou o telefone em casa. Eu estava dormindo com um olho e o outro aberto, esperando. Ela o Geraldo avisando que as contrações estavam forte e que ela queria ir p o hospital, quando eu perguntei se ela ir querer anestesia, eu a ouvi respondendo, meio que gritando, que ir querer sim.

Fui p sua casa, e ao chegar encontro uma cena de Noêmia abraçada com a Leyla no chão do corredor, as duas de posição de cócoras, e assim que foi possível, fomos examinar, na posição de cócoras mesmo, e estava com 9 cm, e ia nascer logo. Vamos rápido p o hospital!

Ao chegar, como ela tinha muita dor pedi analgesia, mas ao internar, como estava nascendo, pedi para chamar neonatologista e fomos direto para o centro cirúrgico. A questão é que a analgesia ralentou o nascimento e a neonatologista foi acordada e chegou e não estava nascendo... o que gerou um protesto da mesma, e com razão, mas a gente nunca sabe quando vai evoluir rápido, e é melhor que o pediatra chegue antes e veja o período final do parto.

Deu à luz na posição de Sims, de lado. Larissa nasceu muito bem. Com a graça de Deus.

Adailton Salvatore Meira